

OLEIRO, João Manuel Bairrão

(Bairrão Oleiro)

Abrantes, 1923 – Lisboa, 2000

Arqueólogo, professor universitário, museólogo e gestor do património, Bairrão Oleiro nasce em Abrantes, a 15 de janeiro de 1923. Filho de Diogo Armando da Silva Oleiro – escrivão de Direito, investigador, cultor de antiguidades, fundador e diretor do Museu Regional de D. Lopo de Almeida (MRDLA) (1921) –, e de Carolina Bairrão d'Oliveira e Silva Oleiro, Bairrão Oleiro cumpre os seus primeiros estudos no Colégio-Liceu da sua cidade natal. Seguem-se o Liceu de Faro e a Faculdade de Letras de Coimbra (FLUC), onde se licencia em Ciências Históricas e Filosóficas, em 1947, e conclui o Curso de Ciências Pedagógicas (Paço e Lemos, 1966).

Possivelmente por influência do pai, cedo se dedica à investigação, inscrevendo-se, em 1946, no Curso de Verão da Universidade de Santiago de Compostela, como bolseiro do Governo espanhol. Já licenciado, obtém várias bolsas do Instituto de Alta Cultura (IAC) e da Fundação Calouste Gulbenkian (FCG) para se especializar em arqueologia romana. Estagia, para o efeito, entre 1949 e 1950, no Instituto Diego Velasquez de Arte e Arqueologia (*Consejo Superior de Investigaciones Científicas*), no *Museo Arqueológico Nacional* (MAN), noutros espaços museológicos e estações arqueológicas de Espanha. Integrou também os cursos de Arqueologia do Sudeste e Baleares e o III de Pré-história e Arqueologia, de Barcelona e Ampúrias, ambos realizados em 1949. Em 1953, novamente como bolseiro do IAC, estuda e investiga no *Istituto Internazionale di Studi Liguri*, no *Istituto Nazionale di Archeologia e Storia dell'Arte*,

e em vários museus e estações arqueológicas de Itália e França. Ainda na condição de bolseiro, Bairrão Oleiro regressa a Madrid em 1957, desta feita para investigar no *Instituto de Arqueología y Prehistoria 'Rodrigo Caro'*, no MAN e no *Deutsches Archäologisches Institut Madrid* (Paço e Lemos, 1966).

Enquanto isto, é-lhe atribuída, em 1953, a cadeira de pré-história da Universidade de Coimbra (UC), à qual se acrescentam outras até se jubilar, em 1993. Amplia e aprofunda, em simultâneo, o seu interesse pela museologia e educação, assumindo o lugar de conservador-adjunto do Museu Machado de Castro (MMC), entre 1951 e 1962, criando, organizando e dirigindo, na UC, o Instituto de Arqueologia (1954) e a revista *Conimbriga* (1959). Colabora, em paralelo e desde muito cedo, com a Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN), designadamente nas escavações de Conímbriga, sobre a qual produzira a sua primeira publicação dedicada à arqueologia romana, em 1947 (Martins, 2005). Em 1958, integra a Missão Arqueológica enviada pela Universidade de Coimbra ao Iraque, por iniciativa da FCG, visitando museus do país, do Egito e da Grécia (Maciel, 1996).

Dedicando parte substantiva do seu percurso académico às ruínas da cidade romana de Conímbriga, Bairrão Oleiro desempenha um papel determinante no modo como estas passam a ser estudadas, preservadas e apresentadas. Com Bairrão Oleiro, retoma-se a investigação no local, em 1955, adquire-se nova área de terreno e constrói-se um museu monográfico, inaugurado a 10 de junho de 1962.

Dirigido por Bairrão Oleiro entre 1962 e 1967, enquanto sucede a seu pai à frente dos destinos do MRDLA, entre 1963 e 1979, o Museu Monográfico de Conimbriga (MMC), financiado com dinheiros públicos e contribuições da FCG, compreende três salas de exposição destituídas de janelas e iluminadas por luz zenital, “armazéns-reservas”, sala de trabalho, laboratório de

conservação, laboratório fotográfico, serviços administrativos e residência do guarda.

Porque o museu é planeado de forma articulada e multidisciplinar, Bairrão Oleiro entende que a seleção das peças a expor deve acompanhar e evolução dos trabalhos de campo e de laboratório, justificando, assim, o caráter provisório da montagem e da sequência expositiva dos materiais. Mais do que isso, as coleções deverão ser apresentadas segundo um critério essencialmente didático para que o museu possa cumprir os seus objetivos educativos e culturais. Por isso, os materiais são acompanhados de legendas e iconografia suficientemente elucidativas sobre a época, utilização, classificação, processo de fabrico ou valor documental dos objetos expostos.

Complementando-se, o museu e as ruínas apresentam um itinerário devidamente assinalado e publicações generalistas e específicas sobre o sítio, atualizadas e editadas em português, francês e inglês. Bairrão Oleiro vai mais longe neste âmbito, planeando editar séries de diapositivos sobre Conímbriga e um roteiro especialmente destinado às crianças. Decisões que revelam o conhecimento, o interesse e o cuidado que possui e coloca na esfera educativa e na relação que se vem estabelecendo crescentemente entre museus e educação. Além disso, atende a outros pormenores, possivelmente inspirados em exemplos transfronteiriços, nomeadamente no que respeita à ligação entre cultura e turismo. Por isso, determina a abertura de uma “casa de chá” no museu, a edição de uma série de postais coloridos e a reprodução de peças expostas. O diálogo entre património e turismo transforma-se, assim, paulatinamente, num tópico central do seu percurso profissional.

Criando as condições necessárias a uma formação universitária e investigação arqueológica completas, através das aulas ministradas na UC, dos trabalhos desenvolvidos no IC, nas escavações conduzidas em Conímbriga, nas atividades realizadas no MMC e nos textos publicados

na revista *Conimbriga*, Bairrão Oleiro consegue transpor para Portugal um modelo há muito firmado em escolas arqueológicas estrangeiras e que terá observado pessoalmente.

Entretanto, os seus conhecimentos, visão, experiência e sentido da causa pública valem-lhe a integração nos quadros do MEN, onde organiza a tutela da arqueologia e das belas-artes e é nomeado Inspetor Superior das Belas-Artes (1967), Diretor-Geral do Ensino Superior e das Belas-Artes (1971) e dos Assuntos Culturais (1971-1974), onde procura fazer cumprir, com rigor e eficácia, a lei vigente na área do património (Oleiro, 1974). Percurso culminado na vice-presidência do Instituto Português do Património Cultural, entre 1987 e 1990, após exercer, cumulativamente, as funções de diretor e professor do antigo Curso de Conservadores de Museus, a funcionar no Museu Nacional de Arte Antiga, de diretor (1975-1977) do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia e vogal da respetiva Comissão Diretiva (1980), de membro da Comissão Nacional Portuguesa do ICOM, do Conselho Consultivo do Instituto Português de Museus (1995) e de presidente do Conselho Diretor do Instituto José de Figueiredo (Paço e Lemos, 1966).

Condecorado com os Graus de Comendador da Ordem da Instrução Pública (1973), de Oficial da Ordem das Palmas Académicas, pelo Governo francês (1981) e de Grande Oficial da Ordem do Infante D. Henrique (1989), Bairrão Oleiro é correspondente, em Portugal, de prestigiantes publicações internacionais, sócio de distintas instituições científicas nacionais e estrangeiras, autor de dezenas de títulos publicados em diversos idiomas e conferencista em numerosas reuniões científicas nacionais e internacionais.

Bairrão Oleiro falece com descendência, a 11 de junho de 2000, não sem antes assistir a manifestações de apreço que a generalidade da comunidade arqueológica nacional e estrangeira lhe vota. Disso mesmo nos dá conta a obra

Miscellanea em Homenagem ao Professor Bairrão Oleiro, publicada em 1996 (Maciel, 1996).

BIBLIOGRAFIA

- MACIEL, Manuel Justino (Coord.). 1996. *Miscellanea em Homenagem ao Professor Bairrão Oleiro*. Lisboa: Edições Colibri: 619
- MARTINS, Ana Cristina. 2005. *Na senda da salvaguarda patrimonial. 100 anos de (trans)formação. 1863-1963*. 2 vols. Tese de Doutoramento em História apresentada à Universidade de Lisboa.
- OLEIRO, João Manuel Bairrão. 1974. *Palavras de Abertura. Atas do Congresso Nacional de Arqueologia* (Porto, 1973). Porto: Instituto de Alta Cultura: 17-24
- PAÇO, Afonso do e LEMOS, João de. 1966. "Dr. Bairrão Oleiro. A propósito do seu ex-libris". *Sep. Boletim da Academia Portuguesa de Ex-Libris*. 37. Braga: Tip. Editorial Franciscana: 5-7

[A.C.M.]

ANA CRISTINA MARTINS Investigadora contratada do IHC-FCSH, Nova – Pólo da Univ. Évora, onde desenvolve e integra projectos nacionais e internacionais de história da arqueologia nos séculos XIX e XX, centrados no estudo de personalidades, instituições e invisibilidades, mormente femininas. Docente de unidades curriculares (História da Arqueologia em Portugal, Introdução e Valorização do Património Cultural). É investigadora colaboradora do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, onde se doutorou em História da Arte, obteve o mestrado em Arte, Património e Teoria do Restauro, e se licenciou em História, variante de Arqueologia. Preside à Secção de Arqueologia da Sociedade de Geografia de Lisboa e à Academia Portuguesa de Ex-Libris, e vice-preside à Assembleia Geral da Associação dos Arqueólogos Portugueses. Membro (2020-2023) do *Board do Grupo de Trabalho Archaeology and Gender in Europe*, da *European Association of Archaeologists*, e do *Grupo de Trabalho History of Archaeology*, da *Union International des Sciences Pré et Protohistoriques*.